

Campinas vai criar central para monitorar escolas municipais em tempo real



Central Integrada de Monitoramento de Campinas (GMCamp) terá a missão de controlar em tempo real a movimentação dentro das unidades estudantis, como forma de prevenir a ocorrência de atentados

Luis Eduardo de Sousa Reis
Luis.reis@rac.com.br

O prefeito de Campinas, Dário Saadi (Republicanos), anunciou na tarde de ontem uma central de monitoramento para acompanhar em tempo real tudo o que acontece nas escolas da rede municipal de ensino. A medida foi anunciada em reunião convocada pelo chefe do Executivo para tratar da escalada nos casos de violência em unidades de ensino da cidade após um aumento dos registros nas últimas semanas. Além do monitoramento, Diário anunciou ainda um canal direto entre os colégios e a Guarda Municipal. Ao todo, o ensino municipal da metrópole dispõe de 208 unidades.

Com dois atentados de grande repercussão nos últimos 15 dias e a identificação de centenas de outros potenciais ataques, prefeituras da Região Metropolitana de Campinas (RMC) e Estado começaram a se mobilizar para tomar medidas que ofereçam maior segurança nos perímetros escolares.

Linha telefônica exclusiva também será disponibilizada

Em Campinas, o chefe da Administração faz parte em "união das forças de segurança" para enfrentar o problema. Além do município, pelo menos outras três cidades da região anunciaram alguma medida para frear os casos.

Conforme noticiado pelo Correio Popular no dia 31 de março, pais, alunos e funcionários vivem uma atmosfera de tensão nos colégios de Campinas. Só no dia em questão, foram pelo menos quatro registros de violência ou de supostas ameaças em unidades educacionais da cidade. O clima tenso persiste, com novos registros nas últimas semanas.

Além disso, o atentado de anteontem que deixou três crianças entre 4 e 7 anos mortas em uma creche particular na cidade de Blumenau, em Santa Catarina, foi o motor que impulsionou a Administração campineira para a tomada de medidas rápidas. Antes, no dia 27 de março, um adolescente de 13 anos entrou com uma faca na escola estadual Thomaz Monteiro, na Vila Sônia, em São Paulo, e matou a professora Elisabeth Tenreiro, de 71 anos. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP), após o atentado na capital, a Polícia Civil registrou 279 casos de ameaças em escolas do Estado. "Foram cumpridos sete mandados de busca e apreensão nos municípios de São José dos Campos, Caçaçava e Tupã, sendo apreendidos três adolescentes com celafones, facas, máscara, chips de telefo-

ESTADO DE ALERTA MÁXIMO

Dário cria central para vigiar escolas contra onda violenta

Prefeito mobiliza forças de segurança para prevenir atentados na rede municipal



Após dois grandes atentados de repercussão nacional, as escolas enfrentam uma onda de pânico, ameaças e muita desinformação

Campinas

Diário anunciou uma força tarefa para aumentar o monitoramento nas escolas da rede municipal. "Já fizemos duas licitações para compra de câmeras a serem instaladas nas escolas, mas as duas foram fracassadas. A primeira porque a empresa vencedora entrou com recurso pedindo reajuste do valor fixado, o que não tivemos condições. A segunda porque ninguém se candidatou. Agora queremos a implantação imediata, até o começo do segundo semestre no máximo. Só falta avaliar se faremos uma terceira licitação ou se essas câmeras serão compradas direto pelas escolas", declarou o prefeito.

A ideia da Administração é atrelar o monitoramento da rede municipal à Central Integrada de Monitoramento (GMCamp). "A Central já está sendo concluída e deve estar pronta antes mesmo da aquisição das câmeras", informou Saadi. Outra ação anunciada pelo prefeito é a criação de

um canal direto entre escolas e a GM para facilitar o atendimento. De acordo com ele, um novo número - que só será passado aos diretores e professores - servirá de ponte, evitando que, em situações de emergência, as escolas passem pela mesma triagem que os demais atendimentos, por vezes menos graves.

Na reunião de ontem, Saadi fez questão de convidar autoridades das polícias Civil, Militar e da Guarda Municipal (GM). Estiveram presentes ainda representantes do sindicato das escolas particulares de Campinas, membros das Diretorias Regionais de Ensino e os secretários municipais de Segurança Pública e Educação. Para as unidades particulares, a Prefeitura anunciou que vai facilitar a entrada das unidades no Programa Monitora Campinas, que usa câmeras de prédios particulares para integrar o monitoramento urbano através de parceria.

O delegado Fernando Manoel Bardi, diretor do Departamento de Polícia Judiciária de São Paulo do Interior 2 (Deinter-2), disse que a Polícia Civil vai cooperar com o município

identificando grupos extremistas que incentivam atentados na internet. "Nós temos na Delegacia de Investigações Criminais (DEIC) uma central de monitoramento de crimes cibernéticos. Estamos atentos a esses grupos que dão base para que esse tipo de crime e que, por vezes, são os grandes responsáveis", pontuou.

Já o chefe do Comando de Polícia do Interior 2 (CPI/2), Coronel Augusto Leão, informou que a PM vai intensificar o patrulhamento nas adjacências dos colégios estaduais. Ele chamou atenção para o trabalho conjunto entre as forças policiais. "É o que Estado tem buscado e nessa situação envolvendo as escolas ajuda a evitar novos casos", disse.

No legislativo, o vereador Marcelo Silva (PSD) protocolou um Projeto de Lei que pede a presença de um GM em cada unidade escolar de Campinas. O presidente da Câmara Municipal, Luiz Rossini (PV), afirmou à reportagem que a demanda por mais segurança nas escolas não é de agora, e que a Câmara quer promover mais ações sobre o assunto.

Na região

Além das medidas anunciadas em Campinas, pelo menos quatro outras cidades da região já tomaram alguma atitude parecida. Artur Nogueira seguiu a linha da metrópole e também anunciou monitoramento em escolas e um "Botão do Pânico" para casos de emergência. "Estamos em constante diálogo com a polícia local e tomando todas as medidas necessárias para garantir a tranquilidade e bem-estar da população", afirmou o prefeito Lucas Siza (PSD) à reportagem.

Nova Odessa também anunciou que vai instalar 164 câmeras em monitoramento em 35 prédios públicos da cidade, incluindo as 26 unidades da rede municipal de ensino. Vinhedo disse que reforçou, desde ontem, o patrulhamento da Guarda Civil Municipal nas entradas e saídas dos colégios municipais. Por fim, Valinhos anunciou a permanência de um agente da GM em cada uma das 48 unidades da rede de ensino do município.

Casos continuam

Os registros que vieram à to-

na nos últimos dias contém casos de alunos com armas em escolas, ameaças e até abuso sexual. Em uma escola do Campos dos Amarais, um funcionário foi preso anteontem acusado de abusar sexualmente de uma menina de 6 anos. A vítima esperava pelos pais em um dos corredores da unidade quando foi levada à biblioteca pelo homem de 51 anos, sob a justificativa de que passaria por atendimento médico. No local, o suspeito teria vendado os olhos da criança com uma camiseta e submetido a menina a abuso sexual.

Com medo de um possível ataque, uma aluna de 11 anos levou uma faca para uma escola estadual de Artur Nogueira na última terça-feira. Ela disse aos policiais que o objetivo era para "defesa pessoal", já que tinha lido sobre um suposto atentado em um grupo de WhatsApp. A criança não chegou a ameaçar ninguém. Em Limeira, a cerca de 50 km de Campinas, um adolescente que não teve a idade revelada foi apreendido pela PM com uma faca no interior de uma escola estadual.

Pânico

Para a doutoranda e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Simone Gomes de Melo, a questão é complexa e as medidas não podem ser tomadas "no susto". Ela, que estuda os atentados dos últimos 20 anos em escolas do país, vê um pânico geral que pode causar sequelas nas relações entre alunos e professores. "Uma segurança a mais nas entradas e saídas de escolas é bem-vinda, para identificar potenciais ameaças, mas até que ponto é viável ter uma força de segurança no interior das escolas? Policiais são treinados para obedecerem e, nas escolas, o que ser quer é uma cultura de diálogo, de resolução de problemas, de resiliência, não de obediência. O caso da violência nas escolas deveria ser tratado com políticas de convivência, com atividades que integram o aluno à sociedade. No entanto, como isso é uma coisa que só dá resultados a longo prazo, as pessoas não olham com tanto carinho".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 5